



Admet in somnis et turbida terret image.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 27 DE ABRIL.

Cahiú o ministerio: a historia da sua morte é tão interessante como a do seu nascimento. Foi um aborto, viveu uma vida de achaques, morreu amaldiçoado pela propria mãe que o pario.

El-rei partíra Domingo á tarde para além do Tejo. Ouvimos dizer que ía fazer um *piqueni-que*. Esta versão condizia com o trem que levava — eram caçarolas sem conto, almofias, e todos os arranjos de cosinha. O imperador quando ía para a guerra não ía assim; levava a sua espada, um coração generoso, *peito ás armas feito*. É o marido da rainha marchava sem duvida para os arraiaes cabralistas! Ninguém vio a sua armadura, salvo se um tacho era o seu escudo, um espeto o seu montante, uma rodilha a sua saia de malha. O imperador vestia a cota d'armas, o seu genro vestia o avental do cosinheiro; aquelle cuidava no seu braço, este no seu estomago.

O que determinára tão heroi-burlesca resolução foi um aviso do Vinhaes, no qual participava ao commandante em chefe que a tropa estava desmoralizada, que desertava toda, que o inimigo tinha mais força do que se dizia, e que era necessario que S. M. fosse lá para vêr por seus olhos as difficuldades do ataque, e inspirar á tropa algum respeito e confiança.

Na primeira noute dormiu o joven guerreiro em Almada. Escreveu d'ahi á rainha uma carta, na qual dizia que « pensando sobre os negocios publicos era de parecer que S. M. devia mudar de ministerio, e acceder ás condições propostas pela Inglaterra accetando a sua mediação. »

No dia seguinte (hontem 26) a rainha mandou chamar os membros do gabinete, e declarou-lhe « que estava resolvida a accetar a mediação ingleza, e que sendo elles contra essa mediação se deviam considerar demittidos. » Os ministros agradeceram a S. M. a mercê da exoneração. e sabiram como uma polvora bradando contra a rainha, contra o rei, *desapontados* por serem postos fóra contra sua vontade, pois que haviam feito panellinha para não pedirem a demissão.

El-rei foi mandado logo chamar.

Diz-se que em seguida foi mandado ir ao paço o barão de Renduffe. A rainha disse-lhe que participasse a sir G. H. Seymour que accetava as condições propostas pelo gabinete britannico, e encarregou-o de formar uma administração. O barão declinou a honra sob pretexto de que achando-se ha pouco tempo no paiz não tinha as relações sufficientes para desempenhar como convinha tal commissão. Diz-se que elle indicára como mais proprios para esse encargo o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães ou o sr. conde de Lavradio, mas que S. M. não quizera ouvir fallar absolutamente no primeiro, e *por agora* no segundo.

Foi depois chamado o sr. José Cupertino de Aguiar Ottolini, que igualmente se recusou fazer parte da nova combinação ministerial.

Apoz este foi chamado o sr. Felgueiras, que tambem não quiz accetar.

A final foram chamados, um por um, os srs. Tavares Proença e Manoel Duarte Leitão, que accetaram!!!

Corre agora como certo que a administração está formada da seguinte maneira:

Francisco Tavares d'Almeida Proença — reino.

Manoel Duarte Leitão — justiça.

Conde do Tojal — fazenda e marinha.

Barão da Barca — guerra.

Bayard — estrangeiros.

Somos informados de que todas estas nomeações são interinas. O ex-duque de Saldanha continúa na presidencia do conselho.

Segundo o que parece deprehender-se, a rainha não quer uma administração homogenea e compacta; andou á pesca de um ministro aqui, d'outro alli, d'outro acolá, e pretende pôr-lhes aos hombros a cruz do approbrio que lhe legou a administração finada.

Esta organização contraria todo o intuito com que parece ser feita. A rainha allegava razões de paz, e chama para os seus conselhos os homens da guerra.

O sr. Proença votou pela deportação dos prisioneiros de Torres Vedras para as costas de Africa!!!

O sr. Bayard jacta-se de ser o principal conspirador para a emboscada de 6 d'Outubro.

O sr. Manoel Duarte Leitão na reunião cabralista de 13 do corrente votou pela rejeição das propostas, e continuação da guerra.

O barão da Barca é cabralista decidido, e concorreu para o assassinato do sr. Joaquim Rodrigues de Campos.

O Tojal é o Tojal — pediu a demissão ha dias por não querer a guerra, e é agora nomeado com os homens que a queriam.

O ministerio pois é de homens vingativos e de sangue. A rainha diz que acceita as propostas de mediação, e escolhe os homens que as combateram — diz que se quer reconciliar com o seu povo, e escolhe para os seus conselhos os homens que o tem trahido.

A recomposição não é em ultima analyse senão um novo ardid. Querem adormecer o povo para o degolarem; querem ganhar tempo para fazer a guerra.

Não o consentirão; que conhecemos as pessoas com quem tractamos. O ministerio é bom para nós porque é outro.

Os cabralistas estão desconcertados com este desfecho. O José Cabral quer *bernarda* para ser elle acclamado e mais o irmão. Tem andado a apalpar os voluntarios urbanos, que se acham divididos, e a maioria é contraria. O nome de Cabral é hoje uma affronta, e o caso é que o de Saldanha não val mais. Nós tememos pouco a revolução porque conhecemos toda a cobardia desse partido que persegue e mata o povo inerte, mas que foge sempre diante dos perigos.

O ministerio de 6 d'Outubro morreu; com elle morre o seu partido. Castilhos, Lopes de Lima, pernas de pau, tudo isso é o arsenal do cabralismo, são as fezes de todos os partidos, os larapios que vão aos campos da batalha só para despojar os mortos, e que andam atraz de todos os exercitos para lhes apanhar as bagagens.

Esse monstrosinho que agora nasceu é a ponte por cima da qual vai atravessar para o poder o partido popular.

O governo pertence ou á força ou á intelligencia ou a ambos. O da força simples é o do despotismo, o da força reunida á intelligencia é o popular, o legitimo. A intelligencia sem a força á sua disposição é uma outupia, prepara o governo dos estados mas não é esse governo, conhece a verdade mas não a pode provar. Entendemos aqui por força a maioria numerica.

E só no partido nacional que sauda a junta do Porto estão hoje as condições do poder. Está ahí a intelligencia, está ahí a força, está ahí o direito e a rasão.

Esses homens que a rainha chamou podem ser caracteres honestos, seriam talvez aptos, não todos, alguns, para tempos ordinarios, mas nas actuaes circumstancias tem contra si todos os partidos, e não tem força que lhes oppor.

Desenganem-se. O povo não desarmia em quanto não vir garantida a constituição e as leis. Esta garantia está nos homens da revolução, está na abrogação de todos os actos arbitrarios, no desarmamento de todas as hordas de assassinos que tem assollado as provincias, na dissolução de todos esses batalhões de pretorianos, e no armamento completo da guarda nacional, que se compõe de todos os contribuintes e não desses *calças de couro* que tem de seu o diploma do emprego que disfructam.

Enganam-se se pensam que com paliativos iludem o povo. Tem sido muito pesado o despotismo, são mui repetidas as traições. A prerogativa hoje está na revolução. A rainha podia abreviar a lucta, poupar sangue, obstar a alguns desastres, e isso não era pouco, mas não pôde dirigir os destinos do paiz porque se desviou da estrada legal, e o poder dos reis é como o *patrio poder* que uma vez perdido não se recupera jámais.

Com o novo ministerio nem se quer obstu a alguns males. Continua a mesma politica, porque continua o mesmo presidente do conselho, e seus adherentes: continuará a mesma opposição, a mesma guerra, e o mesmo perigo para a corôa.



O Simão Pessoa que ía atacar Setubal estacou diante dos seus muros. Não se atira ás trincheiras, mas atira-se a tudo o mais que encontra, mata, rouba, assolla tudo.

A marinha popular vai fazendo proezas. Em quanto o bloqueio do Porto não bloqueia nada, o Salter vai aprisionando todas as embarcações de guerra. Eis-aqui o que nos diz a nossa correspondencia de Setubal:

«Setubal 22 ás 10 horas da manhã. — O *Royal Tar* é uma excellente embarcação, que nos habilita a fazer levantar o bloqueio do Porto, e a bloquear o Téjo, o que sem demora vai ter logar.»

«Idem 25 ás 7 horas da manhã. — A deserção da força do Vinhaes para nós começou em grande escála no dia 23: sómente no dia e noite de hontem vieram 44, muitos delles armados, e tambem alguns sargentos. Segundo se acha determinado os soldados desarmados recebem logo 1\$200 rs., e os armados 2\$400.

Hontem o Salter fez tomar um bom cahique (*Serra do Pilar*) por surpresa e abordagem; tem um rodizio, duas peças, e 16 homens de tripulação.

Ao vapôr *Royal Tar* mudou-se o nome no de *Salter*.»

«Idem. — Os cabralistas tem roubado tudo, deixando familias nuas. Mataram um moleiro por lhes dizer que tinhamos sete mil homens; e a mulher, e uma filha que tinha dado á luz havia tres dias, tambem foram victimas. Vi-

nho, bois, pão, galinhas, carneiros, tudo teem roubado.»

«Idem 26. — O inimigo não avança. Mandou vir artilharia grossa, e morteiros, mas não fará nada com isso.»

O visconde de Sá da Bandeira deu a liberdade ao commandante, officiaes e marinheiros do vapôr *Royal Tar*. Toda essa gente ahi chegou, e tem andado a agradecer ás familias dos cidadãos que estão em Setubal o bom tratamento que lá receberam.

Tambem o nobre visconde mandou para S. M. os sabonetes e as flôres que vinham de Inglaterra para ella no dito vapôr.

Em quanto assim procedem os chefes populares, a rainha exauthora e manda para as costas d'África aquelles a quem deve estas finezas. Lembra-nos a fabula do homem e da cobra, ao qual esta matou depois de a haver acalentado no seio. Phedro tirava daquella fabula esta moralidade:

Nequis discat prodesse improbis.

A palavra *tranquibernia* passou para o dictionario politico desde que o sr. Barros a empregou em côrtes para qualificar uma trampolina dos Cabraes, que queriam umas boas luvras para reconhecerem o emprestimo dos mil e dez contos feito a D. Miguel.

A verdadeira *tranquibernia* vai fazer-se agora. O ex-conde do Tojal promete interter em inscrições de 5 por cento as apolices chamadas dos 1.010 contos a todos os portadores que as acompanharem de 25 por cento em notas do banco de Lisboa.

Este emprestimo foi contrahido por D. Miguel para combater os liberaes, o governo que o reconhece não tem direito de censurar a garantia das patentes aos officiaes realistas.

Mas os possuidores das apolices devem ficar entendendo que o contracto é nullo, e que seja qual fôr o seu direito, perdem tudo quanto emprestarem ao governo, porque ficam na mesma condição em que estavam até aqui, por que a junta do Porto declarou nullos todos os emprestimos.

Como o governo constitucional acabou em Portugal, o governo inglez manda proceder á nomeação do juiz conservador. Eis-aqui o annuicio que se lê no consulado britannico:

AVISO.

São convocados para uma reunião geral que terá logar no hotel da Peninsula, Quinta feira 29, pela uma hora depois do meio dia, os sub-

ditos britannicos residentes nesta capital para elegerem um magistrado que preencha o officio de juiz conservador. — Consulado britannico 24 de Abril de 1847. — *W. Smith.*

Do Porto em data de 20 ás 4 e meia da tarde nos escrevem o seguinte:

«Aqui entrou ha dias na presença do bloqueio um vapor, que sahiu uma das noites passadas para o Sul com despachos da junta, e com uma missão importante: a bordo d'elle foi o bravo Montenegro. O vapôr chama se *Falcão* — os cabralistas quiseram freta-lo para levar vinhos para Inglaterra, suppondo que elle viesse ao Porto para ser empregado no transporte delles. Ha quem diga que por dias deve chegar outro: não o sei; mas parece-me que não são necessarios mais do que aquelles que a junta tem já para fazer desembarcar ao Sul ou ao Norte de Lisboa mais tropas, se isso entrar no plano de operações.

Começaram as operações ao Norte do Douro: uma bella divisão deve ter hoje avançado de Amarante para Villa Real, e perseguir as forças reunidas do Casal e Lapa: se ella as encontrar, o resultado não é duvidoso — o Povoas é o commandante. O marechal conde das Antas foi hontem encontrar-se com elle a Penafiel ou Amarante, mas aqui voltará hoje ou ámanha. Uma outra divisão está prompta para sahir sobre o Saldanha opportunamente. Ha, além das duas, uma terceira divisão, que deve guardar o Porto. Todas as tropas estão animadas do melhor espirito. O marechal passou revista no Domingo a alguns corpos. As fileiras teem engrossado todos os dias com recrutas, mancebos e soldados apresentados. De Traz-os-Montes vieram um destes dias apresentar-se cento e vinte e tantos, uma parte armados, e teem vindo successivamente de lá e da Beira. A deserção nas fileiras do Saldanha tem sido grande: uma parte dos desertores vão para casa porque o podem fazer com menós difficuldade, e comtudo bastantes teem vindo para aqui. Hontem estive eu com dous de caçadores n.º 1. O Saldanha tirou bagagens pesadas, e alguma artilharia, e corre que elle mesmo se retirará, não só em consequencia da reunião das forças da junta ao Sul de Lisboa, e do estado da capital, mas pela falta de viveres e forragens para se conservar nas posições que actualmente occupa. Os povos estão exhaustos de tudo; tudo lhes teem roubado as tropas de Lisboa, que vivem das extorsões, das violencias e dos roubos que os chefes são obrigados a authorisar. Os cabralistas estão todos fallecidos; já reconhecem que o paiz é contra elles, e que entregues a si não podem deixar de succumbir. Supplicam de mãos postas e humildemente uma intervenção estrangeira armada

que os não deixe ficar de todo mal. A esté respeito engolem boas péta: fazem dô.

O *Européo* escreveu d'ahi uma carta curiosa que dava a intervenção decidida, e um exercito anglo-hespano a desembarcar em Lisboa! Saldanha a quem se mandou cópia desta carta bateu as palmas, e publicou que a intervenção estava decretada; os commandantes dos corpos disseram-no aos officiaes, e os officiaes aos soldados. Póde dar-se maior desfaçamento? Pois a nação apoia a embuscada da noute de 6 de Outubro, e elle não acha recurso para sabir do mau passo que deu se não nas armas d'Inglaterra, e de Hespanha!! Sei que o homem se tem entendido com o governo hespanhol a este respeito, e espero saber em poucos dias circumstanciadamente o que se tem passado.

Continuo a acreditar que não se violarão os principios do direito das gentes, e não se decretará nos gabinetes de Londres, e de Madrid uma intervenção armada na questão entre a nação portugueza e o bando faccioso que domina em Lisboa; embora haja desejos que ella se termine, e neste sentido se deem conselhos, ou se faça alguma manifestação. Estes desejos não ha ninguém sensato, e amante do paiz que os não tenha; mas no interesse mesmo do paiz, e ainda no da corôa da rainha é necessario que a facção de Lisboa se submeta reconhecendo o mal que fez ou ella seja a isso obrigada pelas armas, e que os facciosos não possam mais comprometter o throno, e arrasta-lo a tentar contra as liberdades publicas. Este é o pensamento que aqui domina geralmente.

A idéa d'uma transacção ou composição em que se tem fallado é reprovada por todos: as condições indispensaveis para que a nação não seja burlada não pôdem ser garantidas por nenhuma mediação.

Os sitiados do castello de Vianna não pôdem deixar de render-se em poucos dias, e por communicações interceptadas se sabe que o governador officiára neste sentido ao Saldanha dizendo que terá de entregar-se á discripção não sendo promptamente soccorrido.

A retirada do Casal de Traz-os-Montes ou a sua derrota não pôde deixar de apressar este acontecimento: e esta alternativa é inevitavel. A junta continua a trabalhar activamente: vai apparecendo dinheiro, e não ha receio de faltarem os meios para continuar a guerra.

O partido realista tendo conhecido que a bandeira de D. Miguel não podia hastiar-se, e que podia prescindir d'ella sem se deshonnar, adheriu ao movimento nacional: D. Miguel não tem mais que esperar, e deve estar desenganado de que qualquer tentativa para tornar a occupar o throno é infructifera. Hoje apparece apenas em campo apparentemente

por elles, mas na realidade pela facção de Lisboa, um padre João do Cano que ultimamente illudiu alguns miseraveis; mas foi bandido no dia 17 em Vieira. O Pereira dos Reis estava em communicação com elle, e tinha-lhe feito avantajada promessa no caso de sublevar a favor de D. Miguel uma parte do Minho. O padre não alcançaria uma mitra; mas teria um bom canonicato na Sé de Lisboa ao lado do bom guerrilheiro conego Cabral; do José Lacerda, e do Eleuterio da gazeta de Lisboa. Já lhe disse na minha ultima carta que o Reis se não julga seguro em Valença, e vai todas as noites dormir o Tuy: é verdade. Alli são mais os presos que os soldados da guarnição. Este patriota a quem muito cuidado dão os miguelistas tem procurado conseguir do Padre Casimiro o que conseguiu do Padre João do Cano; mas por hora de balde. Estão a entrar muitas recrutas, e alguns soldados apresentados. Vai sabir alguma força na direcção de Pena Fiel. Saldanha esteve toda a noite de ante-hontem em armas.»



Correspondencia interceptada.

Não commentamos a carta seguinte escripta ao conde de Vinhaes: a frase é de um garoto perfeito:

«Oliveira d'Azemeis 16 de Abril de 1847. —Meu caro conde.— Muito e muito estimei saber da tua chegada a Lisboa, e da optima recepção que tivestes de SS. MM. e de todos os amigos honrados, agora meu bom amigo. Deos permita que tu sejas feliz, e colhendo novos louros prehenchas as esperanças que em todos temos depositado, do que nada duvioo, já pela tua valentia e intelligencia como pela força que commandas: tua uma boa tosa nessa canalha de mentes, acautela-te do primeiro rompante do marfeta, depois cahe-lhe em cima, e não o percas mais de vista.

Da divisão do Casal nada ha de novo, na provincia de Traz-os-Montes. Igualmente a carta para teu irmão lhe será remetida pelo João Pimentel que para alli marcha amanhã.

A corja do Porto, tem-nos ameaçado estes ultimos dias de nos vir atacar, estiveram para isso com as reservas carregadas etc. pcrém parece que o seu furor bellico já esfriou, nós o esperavamos como tu sabes.

Recommenda-me ao Graça que espero tenha correspondido á opinião que d'elle te dei.

O duque de Saldanha recebeu com muito prazer os teus recados que retribue, assim como os amigos B. da Luz, Ximenes, Damazio etc.—Teu amigo velho e sincero—*Saavedra.*»